

## DINHEIRO &amp; NEGÓCIOS

## Cristina Kirchner se alia à Chevron para exploração de xisto

Por SIMÓN ROMERO  
e CLIFFORD KRAUSS

NEUQUÉN, Argentina — Nas estepes patagãs varridas pelo vento, operários perfuram em tempo integral aquele que pode ser o próximo grande campo petrolífero do mundo. A Argentina, que há anos trata com desconfiança os investidores estrangeiros, formou uma improvável aliança com a gigante americana Chevron para explorar o campo de Vaca Muerta.

A presidente Cristina Kirchner tem demonstrado —apesar das dúvidas sobre sua saúde, após uma cirurgia neste mês— que está disposta a dar as costas às suas

se tornaram ferozes, e a polícia chegou a usar gás lacrimogêneo e balas de borracha contra milhares de manifestantes.

A adesão de Cristina à Chevron revela até onde alguns governos, desesperados por dinheiro, e as companhias energéticas estão dispostos a ir para copiar a revolução do petróleo de xisto nos Estados Unidos. Poucos campos oferecem as mesmas riquezas potenciais que o de Vaca Muerta, com reservas quase iguais às reservas totais da gigante petrolífera Exxon Mobil. “Não há nada nem parecido com isto no mundo”, disse Ali Moshiri, presidente de Exploração e Produção na África e América Latina da Chevron, referindo-se a Vaca Muerta. “No nosso negócio, o risco é parte da equação.”

A Administração de Informação Energética dos Estados Unidos coloca a Argentina em quarto lugar, atrás da Rússia, EUA e China, com reservas tecnicamente recuperáveis de 27 bilhões de barris de petróleo de xisto. E coloca a Argentina em segundo lugar, atrás da China, em termos de reservas recuperáveis de gás de xisto, com estimados 2,2 trilhões de metros cúbicos.

Mas a oposição de ambientalistas e índios mapuches continua feroz. “Esta é a pior forma de extrair petróleo e pela companhia com o pior histórico”, disse Enrique Viale, presidente da Associação Argentina de Advogados Ambientais.

Há um ano, a Chevron formou uma parceria preliminar com a YPF, companhia petrolífera argentina controlada pelo governo, para ajudar a desenvolver Vaca Muerta. O empreendimento pode perfurar outros 1.500 poços até 2017, exigindo mais de US\$ 17 bilhões em investimentos. Isso poderia elevar a produção a 50 mil barris de petróleo e 3 milhões de metros cúbicos de gás por dia du-



ANIMAL ADRIAN GRECO THE NEW YORK TIMES

Sinalização das áreas de exploração no deserto da Patagônia; apesar de protestos, fraturamento hídrico prossegue na região

## Governo enfrenta oposição de índios e ambientalistas

políticas econômicas dos últimos anos, levando adiante a parceria com a Chevron.

Seus críticos e até alguns apoiadores estão furiosos, por causa do longo conflito judicial dessa empresa com o Equador por causa da poluição na Amazônia. Outras batalhas judiciais em curso dizem respeito à nacionalização da maior empresa petrolífera da Argentina.

Além disso, os protestos contra o fraturamento hidráulico —a injeção de água e substâncias químicas a alta pressão para extrair gás e petróleo em campos de xisto— aqui no deserto da Patagônia

Colaborou Jonathan Gilbert, de Buenos Aires

rante 35 anos.

Poucas empresas tiveram coragem de apostar tão alto desde que a Argentina declarou a moratória da sua dívida soberana de mais de US\$ 81 bilhões, em 2001. Cristina renacionalizou a YPF no ano passado e ainda não pagou nenhuma compensação financeira à companhia petrolífera espanhola Repsol por sua participação majoritária, que a Repsol diz valer US\$ 10,5 bilhões.

Apontando para esses desafios, Miguel Galuccio, executivo-chefe da YPF, insistiu numa entrevista

que o futuro da economia argentina depende da capacidade da YPF de desenvolver os recursos nacionais de petróleo de xisto.

Galuccio contratou respeitados gestores e engenheiros de petróleo, muitos deles argentinos radicados no exterior, para ocupar os altos escalões da YPF. Ele começou a reverter o declínio na produção da YPF, reposicionando a empresa de modo a focá-la no fraturamento hídrico em Neuquén.

Diante de uma potencial crise financeira, o governo argentino alterou nos últimos meses os ru-

mos da sua política energética, como já havia feito com frequência anteriormente. Numa decisão voltada especialmente para a Chevron, Cristina emitiu um decreto permitindo que as empresas de petróleo e gás vendam 20% da sua produção ao exterior sem pagar impostos de exportação nem ter a obrigação de repatriar os lucros —desde que invistam mais de US\$ 1 bilhão no país.

As autoridades petrolíferas argentinas dizem que o acordo entre a Chevron e a YPF irá blindar a companhia americana contra

prejuízos financeiros ligados a uma mudança no cenário político. Depois que a empresa investiu US\$ 1,2 bilhão, 18 meses depois ela poderá abandonar suas operações sem penalidades e continuará recebendo perpetuamente os lucros líquidos de 50% da produção dos poços iniciais.

Lefxaru Nahuel, 26, mapuche da Patagônia, disse que irá continuar liderando protestos. “Vamos continuar nossa luta para defender a terra, a água e o ar”, disse ele. “Com o fraturamento, não há futuro para nós aqui.”

## Lagosta vira pivô de tensão fronteiriça

Por IAN AUSTEN

OTTAWA — As lagostas não respeitam as linhas que definem a fronteira entre Canadá e EUA. Mas, por cima da água, o limite internacional é bastante real, com uma crescente tensão transfronteiriça à medida que ambos os lados tentam faturar numa época em que a produção recorde de lagosta reduz o preço obtido pelo produto.

No ano passado, os pescadores canadenses, irritados com a inundação de lagostas importadas a preço baixo do Maine, chegaram a impedir a entrada de caminhões carregados de crustáceos nas fábricas canadenses. Já os pescadores do Maine temem que o setor seja afetado por regras comerciais que transformem as lagostas do Maine em um produto canadense.

A abundância de lagostas reduziu os preços pagos aos pescadores a níveis inéditos nas últimas décadas, chegando no último verão boreal a apenas US\$ 2,60 por quilo em algumas partes do Maine, depois de passar os últimos dez anos a um preço médio ligeiramente inferior a US\$ 9. Grande parte dessa baixa não foi repassada aos consumidores. A lagosta pode custar até US\$ 30 o quilo num supermercado.

“Alguma coisa está seriamente



BRIAN SNYDER/REUTERS; ABAINO, ROBERT F. BUKATY/ASSOCIATED PRESS



errada, alguém está ficando com esse dinheiro”, disse Charles McGeoghegan, que pesca lagostas na ilha Príncipe Edward, no Canadá.

Cada lado acha que o outro está lucrando. Dependendo de quem faz a conta, 50% a 70% das lagostas do Maine vão parar em unidades de processamento do Canadá. O governador do Maine, Paul LePage, está incomodado com as regras comerciais que transformam a lagosta do Maine em lagosta canadense depois do processamento no Canadá. Ele argumenta que a indústria do processamento no Canadá é fortemente subsidiada. LePage diz estar empenhado em tornar o Maine

autossuficiente no processamento dentro de três anos.

A Associação dos Pescadores de Lagosta do Maine defende um acordo que faça as lagostas canadenses serem rotuladas da seguinte maneira: “Pescada no Maine, processada no Canadá”.

É uma ideia que muitos produtores de lagosta do Canadá apoiam, mas não por razões de harmonia transfronteiriça. Charles McGeoghegan disse que o atual sistema leva a lagosta do Maine, “de qualidade inferior”, a ser vendida como se fosse um produto canadense.

São palavras conflitantes, mas o fato é que cada lado procura crustáceos muito diferentes. Os pescadores do Maine capturam principalmente as lagostas de casca mole, que acabam de trocar a carapaça. Antes e depois da temporada de verão no Maine, é o momento da lagosta canadense de casca dura.

Mesmo se ninguém perguntar, quase todos na indústria pesqueira do Maine dizem que a lagosta de casca mole é “incrivelmente

fresca e tenra”, como descreveu Patrice McCarron, diretora-executiva da Associação dos Pescadores de Lagosta do Maine.

Se a lagosta de casca mole é mais macia, disse Charles McGeoghegan, “é porque ela está cheia de água”. Robert Bayer, diretor-executivo do Instituto da Lagosta, da Universidade do Maine, afirmou diplomaticamente desconhecer quaisquer comparações científicas em termos de sabor.

Embora os importadores europeus ainda comprem lagostas, a crise econômica do continente reduziu o volume comercializado. Pescadores de lagostas esperam que a Ásia seja a solução para o setor.

O problema, segundo especialistas, é que há simplesmente lagostas demais. O aquecimento dos oceanos e a pesca excessiva do bacalhau — que é um predador das lagostas — permitiram que os crustáceos se multiplicassem. “Vamos ver essa situação durante um bom tempo”, disse Bayer.

Pescadores de lagosta na costa do Maine; abundância do crustáceo reduziu o preço ao menor nível em várias décadas, contrapondo os produtores do Maine (EUA) aos do Canadá

## Amazon cresce mesmo sem lucro significativo

Por DAVID STREITFELD

SAN FRANCISCO — Quase diariamente a Amazon anuncia uma nova empreitada.

Ela acaba de adquirir uma empresa de educação on-line e lançou um mecanismo de pagamento para varejistas da internet que concorre com o PayPal.

Ela modernizou sua linha de tablets, aprovou três novos pilotos para comédias de TV e criou uma competição de design para sua divisão de moda. Está montando minidépósitos dentro de fornecedores como Procter & Gamble, para despachar os produtos mais rapidamente. Mas uma coisa a Amazon não anda anunciando: lucros significativos.

As ações da Amazon acumulam alta em torno de 150% desde meados de 2010, última vez em que a empresa teve lucros consideráveis. Isso significa que os investidores só decidiram amar a companhia quando o lucro líquido começou a despencar?

“Isso não deveria acontecer”, disse o economista e investidor de risco William Janeway. “Viola a teoria financeira dominante. Pouquíssimas empresas já se valorizaram desse jeito fora de uma bolha sistêmica.”

Há um debate cada vez mais ruidoso sobre quando — ou se — a Amazon oferecerá os lucros que os investidores geralmente exigem de uma empresa que tinha uma previsão de faturamento de US\$ 75 bilhões neste ano.

A empresa não quis se pronunciar.

Alguns analistas observam que essas vendas são desprezíveis diante do mercado que estava na mira de Jeff Bezos, fundador e executivo-chefe da Amazon. “O mercado é efetivamente ilimitado: todo o comércio global para consumidores e talvez o comércio ‘business-to-business’ também”, disse Janeway.

Com esse prêmio como meta, ganhar dinheiro hoje seria um possível empecilho. Como disse Benedict Evans, analista em Londres: “Bezos optou por gerir a Amazon para ser a maior, mais poderosa e mais bem-sucedida varejista da Terra daqui a 20 anos. Qualquer idiota poderia gerir a para ser lucrativa hoje”.

A Amazon está se diversificando, mas basicamente ela vende produtos em larga escala e a preços baixos. Ela também tem frete barato e um serviço renomado de atendimento ao cliente.

Para gerar um lucro significativo, no entanto, algumas dessas variáveis, ou todas, precisarão mudar, o que pode alienar clientes e estancar esse estrepitoso alta do faturamento. Isso, por sua vez, levaria os investidores

a exigir lucros ainda mais rapidamente.

É melhor não se aventurar por esse caminho, disse Colin Gillis, analista sênior de tecnologia da BGC Partners. “É mais fácil”, disse ele, “vender coisas e não ganhar dinheiro do que vender coisas e ganhar dinheiro”.

Sob esse ponto de vista, o turbilhão de atividade da Amazon é meramente uma provincial distração da sua realidade. “Em algum momento é preciso encarar a rebordosa”, disse George Colony, executivo-chefe da Forrester Research. Como? “Aumentando os preços. Não vejo nenhum outro jeito.”

Nas beiradas, a Amazon começou a fazer isso. Por exemplo, os clientes que pagaram US\$ 79 por ano para aderir ao seu serviço Prime de entrega em dois dias costumavam conseguir que os itens realmente urgentes fossem entregues no dia seguinte, por um adicional de US\$ 3,99 por item. Mas, em meados deste ano, os usuários do Prime descobriram que a empresa havia começado a cobrar quantias va-

## Acionistas apostam no sucesso a longo prazo da empresa

riadas, de acordo com o peso e o tamanho.

Um fórum da Amazon ficou cheio de queixas a respeito de como os clientes Prime estavam, como disse um usuário, “recebendo menos serviço pelo mesmo dinheiro”.

Um porta-voz da Amazon confirmou a mudança, mas disse que a empresa continua agregando serviços ao Prime —incluindo 41 mil filmes e programas de TV— sem elevar a taxa de adesão.

Josh McFarland, executivo-chefe da TellApart, start-up que ajuda varejistas a gerir seus dados, adquiriu um par de chinelos na Amazon por US\$ 20. A ele achou em outro lugar um par do qual gostou ainda mais e se preparou para devolver o produto da Amazon. A empresa lhe disse para não se dar ao trabalho. Ela iria reembolsá-lo mesmo assim.

“O que a Amazon está tentando fazer é elevar minhas expectativas para que eu afinal compre tudo dela”, disse McFarland. “Em algum momento, ela não terá mais concorrência, e eu não vou saber se os preços estão sendo aumentados, porque não terei nada com o que comparar.”

## Disparada imobiliária em Jacarta gera preocupações

Por KEITH BRADSHER

JAKARTA, Indonésia — O ministro indonês do Comércio, Gita Wirjawan, levantou bruscamente a mão direita ao responder sobre a disparada do mercado imobiliário no país. “Assustador, não é?”, disse ele.

Mas o vice-presidente Boediono (que, como muitos indonêsos, usa apenas um nome), um dos principais articuladores da política econômica indonêsia, foi ainda mais ardoroso. “Não acho que o ciclo tenha se transformado em uma bolha perigosa”, afirmou. Ele previu que nem mesmo a recente queda na moeda nacional causaria problemas.

Boediono e Gita representam pontos de vista diferentes em uma ativa discussão sobre se a recuperação dos mercados imobiliários residencial e comercial é motivo de júbilo ou preocupação. Os preços elevados para venda e aluguel,

pelo menos em comparação com os níveis anteriores em Jacarta, estão sendo observados com atenção porque o mercado imobiliário contribuiu para o colapso financeiro do final da década de 1990 e porque a moeda foi uma das mais desvalorizadas dos últimos meses nos mercados emergentes.

Mas, enquanto os projetos de construção de arranha-céus se desaceleraram ou pararam em cidades indianas como Mumbai, em Jacarta os guindastes ficam iluminados à noite para que os operários possam continuar construindo. A diferença reflete a manutenção dos investimentos estrangeiros na Indonésia e a diversificação da economia doméstica.

Embora os preços imobiliários estejam subindo em Jacarta, eles partiram de uma base muito baixa, e os imóveis na cidade continuam entre os mais baratos do leste da Ásia. Apartamentos aqui

custam um sétimo do que imóveis comparáveis em Cingapura e um décimo do que em Hong Kong, segundo a Cushman & Wakefield, imobiliária com atuação global.

Os financiamentos imobiliários feitos pelos bancos são rigidamente regulamentados desde a crise financeira asiática de 1997 e 98. O Banco da Indonésia (o banco central do país) agora exige que os bancos comerciais recebam pelo menos 30% de entrada nas hipotecas imobiliárias. Os bancos costumam pedir 50% de entrada para hipotecas comerciais, e muitos exigem garantias além do projeto. “Agora estamos totalmente no controle dos empréstimos bancários para o setor imobiliário”, disse Difi Johansyah, porta-voz do BI.

Jakarta, com 10 milhões de habitantes, é o mercado dominante para imóveis comerciais no país e também está emergindo como

um mercado para torres de apartamentos. Mas a demanda está superando a oferta por causa das limitações impostas ao mercado comercial.

A propriedade fragmentada dificulta a acumulação de terrenos pelos incorporadores. A Indonésia também não permite que estrangeiros possuam terrenos. No máximo, os estrangeiros podem se qualificar para um arrendamento limitado, conhecido como “direito de uso”. Os bancos relutam em aceitar imóveis com esse tipo de arrendamento como garantia hipotecária.

Cerca de 85% dos escritórios de Jacarta e 95% dos apartamentos são ocupados por seus proprietários, que quase nunca querem vendê-los, segundo David Cheadle, da Cushman & Wakefield. “Você não pode simplesmente chegar aqui e comprar um prédio de escritórios”, disse ele.